

# Nuances entre os extremos da geração 80

Livro com texto de Ligia Canongia e reproduções de 160 obras contextualiza a década que mudou a arte brasileira

Festejada por alguns, criticada por uma suposta superficialidade por outros, a década de 80 foi um marco de mudança nas artes plásticas brasileiras. Passados 26 anos da emblemática exposição "Onde está você, geração 80?", no Parque Lage, em 1984, o olhar retrospectivo sugere, para a crítica de arte Ligia Canongia, elementos que vão além do "ame ou odeie". Ela se aprofunda no tema, indo além da análise de seu aspecto mais conhecido — a volta da pintura —, no livro "Anos 80: embates de uma geração" (Barléu Edições), que será lançado terça-feira, na Casa de Cultura Laura Alvim, às 19h.

— Essa geração ficou muito prejudicada por rótulos negativos, em função de uma crítica apressada, rasteira, que viu a arte que se fazia apenas pelo lado da liberdade, do hedonismo. Mas havia outras questões que começaram a aparecer e não foram nem aventadas na época — afirma Ligia, que contextualiza o momento da arte brasileira. — Nos anos 80, houve uma explosão de linguagens não só no Brasil, mas no mundo todo. Esse ecletismo era uma forma de discutir a autonomia em relação a um programa formal fechado. O pluralismo refletia o debate que surgia sobre a pós-modernidade, era um ato de crítica às especializações modernas.

## Próxima parada: outras décadas

Com 160 reproduções de obras de 33 artistas que estouraram no período — como Beatriz Milhazes, Daniel Senise, Luiz Zerbini, Angelo Venosa, Jorge Guinle e Barrão —, o livro faz parte de uma série de publicações da Barléu, braço da editora Francisco Alves especializado em artes, que inclui monografias e volumes sobre determinadas épocas. Em "Anos 80", nem sempre os artistas incluídos tiveram ali o seu período de maior visibilidade — como é o caso de Adriana Varejão e Marcos Chaves, incluídos no livro, apesar

de terem se consolidado na década seguinte. Há também artistas que se relacionam com a arte conceitual da década anterior, como Ricardo Basbaum e Frida Baranek. O objetivo, segundo a crítica, é justamente mostrar a pluralidade de linguagens do período.

— O espírito do momento, em termos universais, era colocar a História no liquidifica-

dor e chacoalhar, fazer uma mistura de gêneros, uma linguagem sem compromisso com uma coerência de estilo. E isso incluía a arte conceitual, a arte *minimal*, a arte pop — diz Ligia. — Quis mostrar todo esse pluralismo, por isso não me concentrei só no retorno à pintura. É uma seleção pequena diante da quantidade enorme de artistas jovens trabalhando nos anos 80 no Brasil.

Além de textos de Ligia e seções dedicadas a cada um dos 33 artistas, o livro reúne ensaios escritos na época, dos críticos Agnaldo Farias, Frederico Moraes, Ronaldo Brito e Fernando Cocchiarale e dos artistas plásticos Jorge Guinle e Ricardo Basbaum. Para Ligia, a crítica

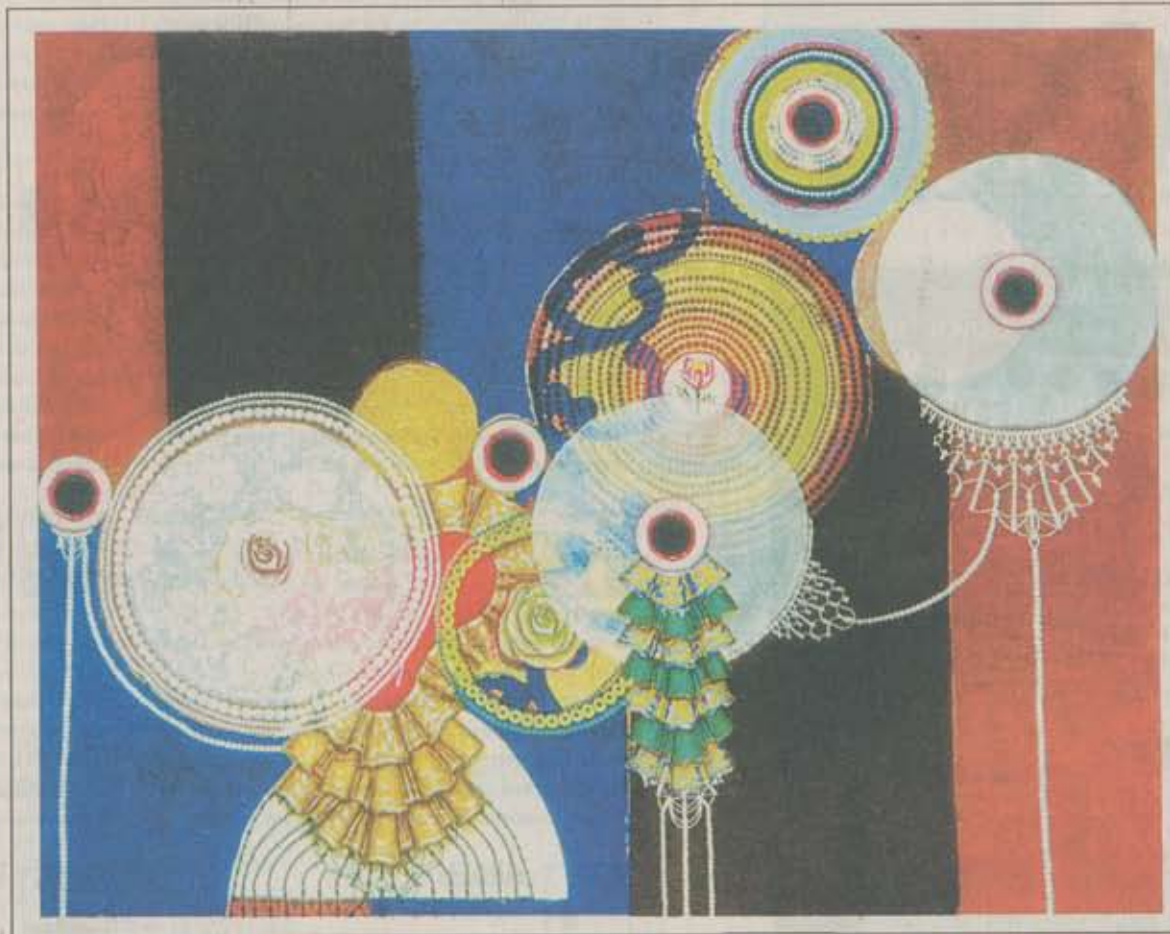
era eminentemente especulativa, porque ainda tateava as transformações que se seguiram à arte engajada dos anos 60 e 70:

— Foi desconcertante. Ninguém sabia bem como situar aquele fenômeno. Os críticos se perguntavam onde aquilo ia chegar. Alguns foram mais favoráveis, outros mais ácidos, argumentando que aquela juventude não tinha uma base ideológica definida. De todo modo, esses pontos contraditórios mostram que foi uma geração que mobilizou, teve uma riqueza que desestabilizou a crítica e a opinião.

Depois de "Anos 80", a Barléu vai lançar, no primeiro semestre de 2011, um livro sobre Cristina Canale, com texto de

Fernando Cocchiarale; outro reunindo 30 ateliês de São Paulo (o do Rio já foi publicado); e "Anos 90", com artistas como José Damasceno, José Bechara, Elizabeth Jobim e Raul Mourão. Estão previstos ainda monografias de Niura Bellavinha, Iole de Freitas, Paulo Pasta e José Bechara; o livro "História ilustrada da fotografia brasileira", com texto de Cezar Bartholomeu; três volumes reunindo obras da coleção Gilberto Chateaubriand (anos 20 a 50, anos 60 a 80, e anos 90, 2000 e novíssimas aquisições); e os livros "Anos 60" e "Anos 70".

— Existem muitas lacunas na área de artes, muitos artistas importantes que ainda não têm um livro de peso — afirma o editor Carlos Leal. ■



A PARTIR da foto maior, obras de Beatriz Milhazes, Daniel Senise, Barrão (no meio), Angelo Venosa e Adriana Varejão que integram o livro (no detalhe)